



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIARÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaetê: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTAGROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/ NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria GERALDA de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **carla beatriz santos menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMÔNIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): **Janaína Mourão Freire**).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)

RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Rizzo**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideo - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA (autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): **Sandra Rangel de Souza**)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



PAISAGENS E FRONTEIRAS CULTURAIS

Roberto Filizola¹

Beatriz Helena Furlanetto²

Resumo

Esse texto investiga as paisagens e fronteiras culturais do folgado do boi, tomando-se como referência os municípios paranaenses de Antonina, Guaratuba e Paranaguá, e em Guajará-Mirim, no estado de Rondônia. O folgado do boi, na perspectiva da geografia cultural, pode ser considerado uma criação coletiva capaz de revelar as representações de determinados grupos humanos, apreendendo os sentidos que esses indivíduos atribuem ao seu ambiente. A pesquisa é orientada pela abordagem fenomenológica, fundamentada na análise documental, bibliográfica e pesquisa de campo. A partir dos referenciais conceituais de Cosgrove, Berque, Canclini, Hall e Bhabha, busca-se fazer uma leitura geográfica do festejo, contemplando também a interculturalidade. As investigações iniciais apontam que, apesar de presente há décadas entre as manifestações folclóricas nos municípios de Antonina, Guaratuba e Paranaguá, o boi de mamão é pouco conhecido entre os paranaenses. Aparentemente, a comicidade se destaca nas apresentações dos grupos, ocultando a dimensão mítica do folgado. Nas narrativas dos dois grupos de boi antoninenses percebe-se uma conjunção de lugares que se materializam na letra das toadas do boi e, aparentemente, há uma competição velada entre os grupos, conformando territorialidades e sociabilidades distintas. Ao envolver aspectos objetivos e subjetivos do mundo vivido, a paisagem reflete a identidade dos grupos culturais, o que parece evidenciar-se nas narrativas e personagens dos grupos de boi paranaenses e rondonienses. Em Guajará-Mirim, a disputa entre os grupos de boi pode ser apreendida não apenas como um jogo de poder com viés cultural, mas também como uma tentativa de apropriação territorial, que estabelece uma cisão socioespacial, cuja inscrição simbólica da fronteira no espaço é força demarcatória de territórios. O folgado rondoniense se firma como uma tradição que se reinventa e renova o passado, indo para além da ideia de importação do modelo de Parintins. Percebeu-se que há intercâmbios entre os festejos de boi na Amazônia, e também no sul do país, constatando-se que o dinamismo cultural se reflete nas paisagens e nas fronteiras

Palavras-chave: geografia cultural; paisagem; fronteira; arte popular.



Introdução

A compressão do espaço e a aceleração do tempo repercutem nos fluxos migratórios e turísticos transnacionais, interferem na circulação global de mercadorias e informações. A ideia de aldeia global, de que o encurtamento das distâncias aproxima e proporciona o compartilhamento de hábitos e costumes, pode gerar desorientação.

Eventos tomados como consagrados reclamam releituras, descrições que não apaguem as diferenças, tampouco impeçam as mudanças. Nesse contexto, a fronteira necessita ser “remarcada”, carece de uma nova “demarcação”, ser reinscrita no espaço por uma Geografia efetivamente humana, cultural.

Se nos princípios do século XX a Geografia era tida como uma ciência que se voltava para o estudo de paisagens e regiões, situando-se no âmbito da natureza e das humanidades, a partir da década de 1960, numa perspectiva humanista-cultural, passou a refletir sobre os sentidos que os grupos humanos atribuem ao espaço, ao espaço geográfico. Isso significa apreender não só o papel que o espaço exerce na vida das pessoas como os usos que a sociedade faz dele.

Situando-se no seio das ciências humanas, a Geografia Cultural busca caminhos que conduzam ao entendimento de como homens e mulheres se compreendem e constroem significações nas suas relações com o espaço. É nesse contexto que a paisagem pode exprimir o sentido e o significado que indivíduos e sociedades dão às suas vivências socioespaciais.

Cosgrove (1998) considera a paisagem como um texto cultural, que apresenta a possibilidade de muitas leituras diferentes simultâneas, e defende a ideia de aplicar à paisagem humana algumas das habilidades interpretativas que dispomos ao estudar um romance, um poema ou um quadro, de tratá-la como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados.

Corrêa e Rosendhal (2007) ratificam a possibilidade de estudar a paisagem por intermédio de textos diversos, como as letras de músicas, poesias, filmes, pinturas e outras representações.



Nesse sentido, na perspectiva da geografia cultural, é possível investigar as paisagens e fronteiras culturais a partir das manifestações populares tradicionais, no caso o festejo do boi, considerando-o uma criação coletiva capaz de revelar as representações sociais de determinados grupos humanos, apreendendo os sentidos que esses indivíduos atribuem ao seu ambiente.

O bumba meu boi³ é uma das mais ricas manifestações do folclore brasileiro. Esse folguedo, aparentemente, surgiu no nordeste do Brasil e disseminou-se por quase todo território nacional. Ao espalhar-se pelo país, adquiriu nomes, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes. Enquanto no Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí é chamado bumba-meu-boi, no Pará, Rondônia e Amazonas é boi-bumbá; no Ceará e Espírito Santo é boi-de-reis, boi-surubim ou boi-zumbi; no Paraná e em Santa Catarina é boi-de-mamão⁴, além de outras denominações regionais.

O folguedo do boi constitui uma espécie de ópera popular, resultante da união de elementos das culturas europeia, africana e indígena, no qual o boi é a principal figura de representação. O enredo resgata uma história típica das relações sociais e econômicas da região nordestina durante o período colonial, marcadas pela monocultura, criação extensiva de gado e escravidão.

Em todas as áreas brasileiras onde aparece o folguedo, a temática se desenvolve, basicamente, em torno de um rico fazendeiro cujo boi de estimação é roubado por Pai Francisco, negro escravo da fazenda que mata o animal do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que quer comer a língua do boi. Pajés e curandeiros são convocados para reanimar o animal e, quando o boi ressuscita urrando, todos os brincantes cantam e dançam em uma enorme festa para comemorar o milagre.

A tradição mantida e preservada nas formas dos brinquedos populares, como o bumba-meu-boi, para Meyer (1993, p.218), se assemelha a uma “fênix renascida da própria mudança, pelos atores de sempre”, e conserva uma



experiência que é a da história dos brincantes e “que se manterá viva e grávida de futuro enquanto puderem continuar a exprimi-la, narrá-la sob a forma de representação no espaço e a comunicá-la, a quem souber entender a mensagem”.

Para apreender como as pessoas, que são os sujeitos dessa pesquisa, sentem e interpretam as suas próprias ações, e como se definem suas espacialidades, a investigação é orientada pela abordagem fenomenológica, fundamentada na análise documental, bibliográfica e pesquisa de campo. Foram realizadas as primeiras aproximações com os grupos de boi nos municípios paranaenses de Antonina, Guaratuba e Paranaguá, e em Guajará-Mirim, no estado de Rondônia.

O indivíduo e o coletivo estão em foco através da linguagem, da cultura e das representações sociais, exploradas a partir da paisagem do boi-de-mamão paranaense e do boi-bumbá rondoniense. Assim, parte-se do indivíduo como base para pensar o coletivo, compreendendo a cultura “como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2011, p. 54), o que resulta em trabalhos geográficos com abordagem humanista-cultural, que visam contribuir para dar inteligibilidade à ação humana sobre a superfície terrestre.

A abordagem fenomenológica, portanto, pode permitir o ato de documentar o não documentado, revelando novas interpretações e releituras do folgado do boi nos estados do Paraná e Rondônia.

2 – Os grupos de boi no Paraná e em Rondônia

O boi-de-mamão, aparentemente, é uma prática social com pouca visibilidade no litoral do estado do Paraná: uma pequena parte da população mantém viva essa manifestação cultural e poucos paranaenses parecem conhecer o folgado. A dramatização do boi parece ocorrer com mais frequência em meio às comemorações de festas populares tradicionais, como a Festa do Divino e o Carnaval: os brincantes – em geral músicos, bailantes, cantadores, comicos, aos quais podem se juntar outros – se organizam, cantam, dançam e representam



tramas em torno do boi – uma armação de madeira coberta por tecido bordado (couro do boi) sob a qual um “miolo”⁵ faz evoluções, dando vida ao personagem.

No litoral paranaense foram identificados os seguintes grupos de boi:

- Grupos de Antonina: o Boi Barroso foi fundado em 1920, quando o Sr. Bedenague Luiz Pedro, vindo de Blumenau, Santa Catarina, implantou o folguedo do boi como um bloco folclórico carnavalesco de Antonina. O sucesso foi total, mas, em virtude de alguns desentendimentos, o Sr. Bedenague fundou, em 1922, outro bloco folclórico local denominado Boi do Norte. Assim, até 2007 só havia um bloco de boi em Antonina, o Boi do Norte, o qual foi fundado com o nome de Boi Barroso. Em virtude de alguns desentendimentos na diretoria, dissidentes do grupo Boi do Norte constituíram um novo grupo denominando-o Boi Barroso. Atualmente o Boi do Norte é coordenado por Lauro dos Santos e Alexsandra de Souza Torres, e o Boi Barroso está sob a direção de Elisabeth Carraro e Vera Lúcia Nascimento;
- Boi-de-mamão do Grupo Folclórico de Guaratuba: constituído aproximadamente na década de 1960, quando o pai e alguns tios de Nelson Tobler, imigrantes de Santa Catarina, vieram residir no litoral paranaense. Apesar das dificuldades financeiras, a família continua mantendo viva essa tradição;
- Grupo de Boi Mandicuera: composto por jovens da Ilha de Valadares, no município de Paranaguá, e dirigido por Eloir Paulo Ribeiro de Jesus (Poro) e Aorélio Domingues. Foi formado em 2003, pela Associação de Cultura Popular Mandicuera, uma iniciativa em parceria com o Ministério da Cultura que promove a formação de novos fandangueiros e a preservação da cultura caiçara, repassando conhecimento popular através de oficinas. O objetivo do grupo é manter presente a tradição folclórica entre a população jovem, resgatando a sabedoria dos mais velhos e fomentando o reavivamento da cultura local.

Em conversas informais com os dirigentes desses grupos, percebeu-se que o boi-de-mamão é tido como uma brincadeira, trazida por catarinenses que vieram morar no litoral do Paraná. Constatou-se que, no estado de Santa Catarina, o boi-de-mamão é uma brincadeira alegre, divertida e muito apreciada



pela população, sendo possível encontrar o folguedo até nas escolas públicas. Na ilha de Florianópolis existem, aproximadamente, quinze grupos de boi que, além de manter a tradição cultural, se destacam, principalmente, como atração turística local.

A comicidade se destaca nos grupos de boi do Paraná e Santa Catarina, em cenas que apresentam personagens e animais fantásticos, anunciados pelos cantadores. Porém, o boi-de-mamão paranaense desfruta de pouca visibilidade entre a população local e regional.

Já na cidade rondoniense de Guajará-Mirim, as duas agremiações de boi, além de marcadamente presentes e visíveis no espaço público, geram uma cisão socioespacial, caracterizando territorialidades distintas, decorrente da disputa⁶ entre os grupos.

A festa do boi em Rondônia encontra-se associada ao Festival Folclórico de Guajará-Mirim, mais conhecido por Duelo da Fronteira, dada a localização do município na divisa do Brasil com a Bolívia. O festival, criado em 1995, acontece todos os anos no mês de agosto. Os grupos de boi se apresentam durante três noites na arena de um "bumbódromo".

Assim como ocorre em Parintins, o Duelo da Fronteira é disputado por duas agremiações, igualmente caracterizadas pelas cores azul (e branco) e vermelho (e branco), tratando-se, respectivamente, do Boi Malhadinho e do Boi Flor do Campo. É importante assinalar que, muito embora a disputa entre as duas agremiações rondonienses tenha se espelhado nos grupos de Parintins, quando da sua criação em 1995, as brincadeiras de boi integravam o cotidiano do município desde os anos de 1960. Àquela época, o folguedo mantinha as particularidades do bumba-meu-boi, de raízes nordestinas, e a brincadeira acontecia nas ruas da cidade, no mês de junho, com o envolvimento dos seus moradores.

Paisagens e Fronteiras Culturais



Fonte: www.costaspelobrasil.blogspot.com

Guajará-Mirim⁷ inscreve-se nas chamadas “áreas fronteiriças de intercâmbio internacional”. Sendo assim, a cidade rondoniense estabelece ponto de contato e intercâmbio fronteiriço com a vizinha boliviana Guayaramerin, junto à linha de limite. Nessa situação geográfica e também de produção de sentidos, como conceber a fronteira? Qual a perspectiva para empreender sua leitura, evitando cair em contradições e paradoxos?

Canclini (2000) ilumina essas questões, ou melhor, a problemática da fronteira na contemporaneidade, através de uma proposição que tenta conciliar as concepções contraditórias de fronteira reinantes no presente momento histórico. De um lado, a perspectiva moderna, dura, de fronteira como zona sob controle do Estado, elemento de separação e distinção; de outro, a perspectiva pós-moderna, em que a fronteira é descrita não como algo que divide, mas dotada de permeabilidade e, portanto, promotora de interculturalidade. Contudo, as fronteiras apresentam de forma coexistente, segregação e porosidade, o que inviabiliza optar por quaisquer dessas linhas interpretativas.

Assim, é necessário agregar à descrição da fronteira um olhar metafórico, a partir do fenômeno transfronteiriço, o ir e vir mobilizado pelo processo de sobrevivência (reprodução social), mas também pela segurança gerada pela existência de semelhanças culturais “do outro lado”.



A mobilidade humana na região faz da fronteira algo ao mesmo tempo singular e diverso. De um lado e de outro da linha, verifica-se um deslocamento em direção à outra cultura, promovendo hibridismos culturais.

Stuart Hall, assim como Homi Bhabha, mostra que os hibridismos culturais são, de um lado, uma força criativa, porta para um novo mundo e, de outro, articulações sociais empreendidas pelas minorias, de negociação complexa. Isso não significa dizer que estejam isentos da violência e da vitimização (HALL, 2011; BHABHA, 2010). É interessante perceber que ambos fazem referência a *Os versos Satânicos*, romance do iraniano Salman Rushdie sobre a migração, o Islã e o profeta Maomé, para apontar que a construção híbrida advém de "novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, ideias, políticas, filmes, músicas" (HALL, apud RUSHIDIE, 2011). É a celebração da impureza, da mistura, da transformação. Contudo, uma transformação criativa, em que a tradição se reinventa e renova o passado. Portanto, percebe-se que os hibridismos culturais são concebidos como uma força criativa, porta para um novo mundo. A cultura se reveste à maneira de um jogo de poder.

Nesse aspecto, a disputa entre os grupos de boi rondonienses pode ser apreendida não apenas como um jogo de poder com viés cultural, mas também como uma tentativa de apropriação territorial, conforme Sack (1980). Para o autor, a territorialidade é uma estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas através do controle da área, e envolve uma forma de classificação por área, uma forma de comunicação por fronteira e uma forma de imposição de controle sobre o acesso a uma área e às coisas dentro dela. Esses três fatores de territorialidade podem ser encontrados em todas as sociedades, desde as primeiras civilizações até às sociedades mais complexas. Portanto, a territorialidade abrange uma série de elementos que, combinados entre si, formam especificidades diversas.

Essa perspectiva abrangente da territorialidade apresentada por Sack (1980) mostra-se pertinente à investigação do festival rondoniense, pois a disputa entre os grupos de boi estabelece uma cisão socioespacial, caracterizando territorialidades distintas. A divisão espacial que estabelece um lado do bumbódromo para os agremiados do Boi Malhadinho e o outro lado para o Boi Flor



do Campo, evidencia a classificação por área; as cores e adereços usados pelos torcedores de cada grupo de boi também funcionam como símbolos de fronteiras; e o pertencimento a determinado grupo de boi parece corroborar o controle desse grupo sobre o acesso a uma área específica e às relações sociais dentro dela.

Tais territorialidades podem ser apreendidas em diferentes escalas e em distintas temporalidades. Fora do período do festival, o bumbódromo de Guajará-Mirim parece perder seu poder simbólico, reduzido que fica a uma estrutura de concreto. Entretanto, o entorno da Escola Estadual "Almirante Tamandaré", berço do Boi Flor do Campo, é marcado pela presença das cores vermelho e branco, simbolizando uma fronteira que se torna tão mais evidente quanto mais se aproxima a época da festa, na segunda semana de agosto.

"Do outro lado" da Avenida XV de Novembro, verdadeiro eixo estruturador da cidade, parece situar-se o domínio do azul e branco, ou seja, valores e identidades territoriais são construídos simultaneamente.

Percebe-se, assim, que a inscrição simbólica da fronteira no espaço é força demarcatória de territórios. Contudo, sua mobilidade causa desorientação quanto à condição e conotação de espaço fechado, controlado. O espaço social acaba se configurando num encontro singular entre pessoas e lugares, tornando-se um campo simbólico, revelador de relações sociais das mais variadas matizes.

Nesse contexto cultural, a fronteira não é fixa. Mais do que isso, as fronteiras encontram-se em movimento, uma vez que a cultura nas suas mais variadas expressões se dá na sua relação com expressões situadas alhures. Não há relação da cultura com um território exclusivo, único. Se as fronteiras podem estar em qualquer parte, as culturas são de fronteira (CANCLINI, 2000).

Assim como há intercâmbios entre alguns festejos de boi na Amazônia, o mesmo se dá no sul do país. Nas narrativas dos dois grupos de boi antoninenses percebe-se uma conjunção de lugares que se materializam na festa do boi, ou seja, através desta representação cultural é possível identificar em um lugar, Antonina, outros lugares se manifestarem.

O grupo Boi do Norte narra a história de um boi que morre porque estava comendo a plantação de outro fazendeiro, e na letra de uma das cantorias ouve-



se: “Vem cá, vem cá, vem cá, olhe quem vem lá, é o bloco do ‘Boi do Norte’ que chegou para brincar. Nós somos de Tangerina, viemos de Corumbá, compramos um boi do norte pra brincar o carnaval”. Corumbá é uma cidade situada no Mato Grosso do Sul⁸, estado que se destaca na pecuária bovina do país, onde há uma dança que sugere alguma proximidade com o folgado do boi. Não foi encontrado nenhum município no país com o nome de tangerina e, como esta fruta é citada na produção agrícola⁹ de Antonina, talvez a letra da música refere a plantação local de tangerina.

Já o grupo Boi Barroso conta uma história mais tradicional no país, que se verifica principalmente na região Nordeste, do negro escravo que mata o animal do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, de comer a língua do boi.

Importa destacar que, na toada de 2009, o grupo Boi Barroso estabelece um diálogo com Parintins: “[...] Mais que Garantido, muito mais que Caprichoso, é meu Boi Barroso, é meu Boi Barroso [...]”. Portanto, parece haver um intercâmbio cultural entre o sul e o norte do país, o que aponta múltiplas escalas operando no festejo.

Aparentemente, há uma competição velada entre os grupos de Antonina, sendo atribuído o adjetivo de “boi pobre” ao Boi do Norte, e “boi rico” para o Boi Barroso, sugerindo um jogo de poder – a dissidência de alguns membros do Boi do Norte, em 2007, para formar um novo grupo, parece reforçar essa hipótese. As tensões sociais se mostram presentes já na fundação dos blocos folclóricos antoninenses, no início do século XX.

Percebe-se que esses conflitos são relativamente velados e tratados com certo cuidado pela comunidade. Os grupos de boi costumam se apresentar publicamente durante a tradicional festa de carnaval antoninense, e a existência de outros grupos carnavalescos parece dissolver as tensões entre os integrantes do Boi do Norte e do Boi Barroso, até mesmo porque não há uma competição “oficial” estabelecida entre os blocos.



O Boi Barroso tem sede própria, enquanto o Boi do Norte improvisa em alguns espaços públicos e privados – como a casa da vice-presidente do grupo – a confecção e entrega das fantasias e adereços. Durante o carnaval de 2012, foi possível perceber que os espaços físicos utilizados pelos dois grupos eram muito próximos, configurando fronteiras materiais pouco visíveis. Entretanto, no âmbito das relações sociais, o pertencimento a determinado grupo, aparentemente, conformava territorialidades e sociabilidades distintas, corroborando a definição de Sack (1980).

Assim como a fronteira, a paisagem é material e simbólica.

“Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, 1998, p.108).

O simbólico referencia a cultura do grupo ao qual o indivíduo pertence, e cada sociedade tem uma maneira muito particular de interpretar o espaço geográfico. Portanto, a paisagem não se restringe ao meio, mas expande-se em significados, fala do homem e manifesta seu ser.

Investigar a cultura é deparar-se com a pluralidade humana. Cada cultura apropria-se da natureza e dos elementos presentes no meio onde habita, transformando-os, o que é expresso na paisagem.

A espacialidade humana e os processos sociais construtores de espaço estão constantemente permeados pela cultura.

A cultura, de acordo com Claval (2001, p.63), é a “soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte dela”.

O Grupo de Boi Mandicuera faz constantes releituras do boi-de-mamão, com o objetivo de manter a tradição viva, próxima dos jovens participantes e com “a cara” deles. Assim, os personagens e as narrativas das apresentações são elaborados pelo grupo. Recentemente, o personagem do urso, por exemplo, foi excluído das apresentações, pois o grupo não via mais sentido em manter esse animal no folguedo do boi, já que não existem ursos no Paraná.



Os dirigentes desse grupo reconhecem que a cultura possui uma dinâmica própria, e que as transformações fazem parte de qualquer manifestação tradicional. Porém, qualquer modificação deve ser realizada pela própria comunidade, e não proposto por alguém fora do contexto da manifestação.

Já o grupo de Guaratuba, aparentemente, aposta na tradição como um valor que legitima o boi-de-mamão paranaense, e não efetua inovações consideráveis em suas apresentações.

O Boi do Norte, de Antonina, também tenta manter alguns elementos tradicionais, como o enredo e os personagens do “Boi do Norte” – o Boi, o Nanico, o Fazendeiro, o Médico, a Enfermeira, o Palhaço, a Rainha e o Toureiro – que seguem a tradição instituída em 1920. Também são preservados, desde a fundação do grupo, a bateria, os figurinos de calça xadrez e chapéu, e a dança do boi que gira, roda e avança nas pessoas. Mas, no aspecto musical, percebe-se que o grupo mantém a cantoria tradicional de 1920, a qual se alterna com uma toada recente, composta por Rui Graciano.

A tradição cristã, apesar de aparentemente ofuscada pela comicidade dos personagens e animais fantásticos anunciados pelos cantadores, marca presença no boi-de-mamão. O tema da morte e ressurreição revela, por si só, uma dimensão simbólica do sagrado. A época de encenação do boi, que antigamente ia do Natal à festa de Reis e hoje se estende até às comemorações carnavalescas, com apresentações também em festas tradicionais religiosas, como a centenária Festa do Divino em Guaratuba, também sugere uma proximidade de sua relação com aspectos religiosos.

As espacialidades constituídas pelos grupos de boi contemplam referências religiosas, como a pomba¹⁰ branca (símbolo do Divino Espírito Santo, no Cristianismo), que se destaca na decoração da Festa do Divino em Guaratuba e na capela do Ponto de Cultura Mandicuera, em Paranaguá, onde os grupos de boi se apresentam, marcando a forte presença da igreja católica.



Em Guajará-Mirim, as cores azul, branco e vermelho das agremiações de boi também parecem revelar uma conotação religiosa¹¹ que remonta ao passado: o Sagrado Coração de Jesus¹² (vermelho) e a Congregação Mariana¹³ (azul), ilustrando a fusão dos mitos e ritos tribais indígenas a símbolos religiosos do Cristianismo.

A paisagem exprime o sentido que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza: a paisagem é, simultaneamente, marca e matriz da cultura, segundo Berque (1998), pois expressa uma civilização e transmite usos e significações de uma geração à outra.

Para o autor, paisagem e sujeito¹⁴ são co-integrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e se auto-reproduz, ou seja, a paisagem não reside no sujeito nem no objeto, mas na interação complexa entre esses dois termos. Nesse sentido, a análise da paisagem não se limita ao aspecto visual, pois a visão é insuficiente para captar os elementos físicos e simbólicos da paisagem.

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não apenas a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (BERQUE, 1998, p.87).

Percebe-se, portanto, que os sons, os cheiros, o paladar, as formas e os símbolos ganham destaque na paisagem.

Ao realizar um trabalho de recriação de manifestações culturais tradicionais na Ilha de Valadares, como o Fandango, o Pau-de-fita, o Boi-de-mamão, o Terço Cantado e a Romaria do Divino Espírito Santo, o Grupo Mandicuera parece tentar resgatar valores que permanecem na imaginação coletiva da comunidade, atribuindo significados à cultura popular caíçara.



Presenciar essas manifestações nos remete a um banquete sensorial: as cores das indumentárias, os sabores e aromas das comidas típicas servidas durante as festas, os sons que embalam as danças ou as orações, conformam um tempo e um espaço único, impregnado de símbolos e valores culturais da comunidade local.

A compreensão da paisagem contendo materialidade e aspectos simbólicos, onde o passado e o presente coexistem, é corroborada por Almeida (2008, p. 47): “as paisagens constituem-se em patrimônios sociais, históricos e culturais das diferentes comunidades humanas e, como tais, se caracterizam por serem, simultaneamente, patrimônios materiais e imateriais, permanentes e cambiantes”.

Percebe-se que a paisagem emerge segundo as experiências de cada indivíduo, e daqueles que o precederam. Ao envolver aspectos objetivos e subjetivos do mundo vivido, a paisagem reflete a identidade dos grupos culturais.

A busca por uma identidade cultural parece evidenciar-se nas narrativas e personagens dos grupos de boi-de-mamão paranaenses.

Em Antonina, os grupos do Boi Barroso e Boi do Norte constituem-se como blocos folclóricos carnavalescos que realizam suas encenações nas ruas, durante os desfiles do carnaval, e os principais personagens são o boi, o cavalinho, o médico, o enfermeiro, o toureiro e uma espécie de pássaro chamado Nanico, que foi verificado apenas nesta localidade.

O grupo de Paranaguá inicia o folguedo do boi com a Dança do Pau-de-Fita e a Dança das Balainhas. Na narrativa, a qual geralmente conta um episódio histórico ocorrido no município, não é o boi que morre e ressuscita, mas o pai Mateus, que leva uma chifrada do boi e é depois reavivado pelo Doutor Girão. Além desses personagens, também há o delegado, a vaca, o cavalinho, a Bernunça (ou Bernúncia, um animal semelhante a um enorme jacaré que “engole” as crianças) e a Mariola, uma armação de madeira com uns três metros de altura e fisionomia de mulher.

O grupo de Guaratuba também inicia o folguedo com a Dança do Pau-de-Fita, e brinca com os seguintes personagens: o barão, a Catirina ou Catarina (que



não é um homem vestido de mulher, mas a fêmea do barão, um animal semelhante a um jacaré, como o barão), a onça, o cavaleiro, o doutor, a Bernúncia, além dos cantadores e músicos. Esse grupo mantém a tradição do boi desde a década de 1960, apresentando poucas mudanças nas apresentações.

No boi-bumbá de Rondônia, a paisagem também reflete a identidade dos grupos culturais. O Duelo da Fronteira exprime, com força crescente, os sentidos que os sujeitos atribuem à sua relação com o espaço amazônico, sua cultura e seus componentes paisagísticos. Seja por meio das toadas, das indumentárias, das alegorias, das encenações, tanto a história de Guajará-Mirim e de Rondônia como os contos e lendas amazônicos revelam que a cultura desempenha um papel na estruturação do espaço local e na formação identitária dos sujeitos. Sendo assim, o festejo possibilita a construção de territorialidades específicas, com apropriação de elementos simbólicos.

A paisagem é um conceito valioso para uma geografia efetivamente humana, afirma Cosgrove (1998, p.100), pois “paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda”.

Se, de um lado, a paisagem expressa as construções humanas, suas *grafias* tomadas nos diferentes momentos histórica, de outro, é mobilizadora de emoções, sensações e percepções, com desdobramentos na maneira de ser e de estar no mundo.

Portanto, a paisagem cultural mobiliza ações e conforma concepções. Daí decorre que a paisagem pode ser tomada como um texto social e historicamente produzido e, conseqüentemente, pode ser inserida na questão “o que ler quer dizer”. Enquanto texto cultural, demanda um olhar que possibilite compreender seu papel também na formação da identidade e da subjetividade.

Nesse sentido, a paisagem contempla muitas leituras diferentes simultâneas. Na dimensão material e simbólica das relações espaciais que se estabelecem no folguedo do boi, múltiplas vozes compõe o objeto de estudo, entre elas, a(s) fala(s) dos atores sociais, as narrativas dos grupos, os aspectos físicos do ambiente, os personagens encenados, os sons naturais e produzidos pelos



homens, a forma e o conteúdo das manifestações artísticas, enfim, vozes que podem revelar os significados que esses sujeitos atribuem ao seu espaço.

Considerações Finais

A Geografia Cultural contempla o estudo da paisagem nas suas múltiplas representações: do cinema à pintura, da poesia ao grafite, passando pela música, pela dança, pelo romance. Paralelamente, é possível investigar as formas, os sons, os odores, as texturas da e na paisagem.

Dotada de caráter simbólico, a paisagem é símbolo, demanda não apenas os sentidos, como também a percepção e os modos de relação que o indivíduo estabelece com o mundo para ser apreendida.

Tomando-se as manifestações culturais, o folguedo do boi é uma instância cultural, um sistema de significação, produz identidade e subjetividade. Enquanto criação coletiva, a paisagem e as fronteiras culturais do boi-de-mamão, do boi-bumbá, enfim, suas diversas formas de expressão revelam a identidade de um lugar, as espacialidades e territorialidades humanas, assim como os processos sociais construtores de espaço, constantemente permeados pela cultura.

Sendo as fronteiras concebidas enquanto encontro de culturas, convergência de tempos e discursos, os encontros interculturais são passagens de fronteiras. Os hibridismos culturais resultantes são entendidos como forças criativas, portas para um novo mundo. Consequentemente, as zonas transfronteiriças podem ser consideradas aberturas para o mundo. O lugar e o local se projetam no e para o global, fazendo emergir saberes e significações geográficos.

O folguedo do boi adquiriu (e continua adquirindo) inúmeras modificações locais por todo país, apresentando determinadas particularidades: os personagens, a indumentária, os instrumentos, as toadas e cantorias contam as histórias de cada grupo de boi, refletem os atributos culturais de cada comunidade, revelando os valores compartilhados socialmente em cada região – uma riqueza que, certamente, merece maiores investigações.

NOTAS

¹Professor do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Paraná. (robertofilizola@ufpr.br) Últimas Publicações:

KOZEL, Salete; FILIZOLA, Roberto. *Território e fronteira: novas perspectivas para o ensino de geografia política*. Revista Geográfica da América Central, número especial, EGAL, Costa Rica, p.1-20, II semestre, 2011.

KOZEL, Salete; FILIZOLA, Roberto. *Teoria e prática do ensino de geografia: memórias da Terra*. São Paulo: FTD, 2010.

FILIZOLA, Roberto; SCHLÖGL, Emerli; AQUINO, Thadeu G. Religião, lugar, espaço e território: um discurso geográfico sobre o sagrado no continente africano. *Interações-Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v.5, n.7, p.73-87, jan./jun.2010.

FURLANETTO, Beatriz Helena; FILIZOLA, Roberto. Religiosidade e espacialidades no folguedo do boi no Norte, Nordeste e Sul do Brasil: um tema com variações regionais. Anais do VI Seminário Religião e Sociedade: o espaço sagrado no século XXI, NUPPER, 2011.

² Pianista e Professora Assistente da Escola de Música e Belas Artes do Paraná/ Universidade Estadual do Paraná. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Paraná. (bia@sulbbs.com.br) Últimas Publicações:

FURLANETTO, Beatriz Helena. KOZEL, Salete. Boi do Norte: a música que cura todos os males. I Colóquio de Geografia, Literatura e Música da UFGS, 2012.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Reflexões sobre a dimensão mítica do boi-de-mamão. Anais do VIII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. UNESPAR/Campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2012.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Território e Identidade no boi-bumbá de Parintins. Anais do XIII Encontro de Geógrafos de América Latina, EGAL, 2011.

FURLANETTO, Beatriz Helena; FILIZOLA, Roberto. Religiosidade e espacialidades no folguedo do boi no Norte, Nordeste e Sul do Brasil: um tema com variações regionais. Anais do VI Seminário Religião e Sociedade: o espaço sagrado no século XXI, NUPPER, 2011.

FURLANETTO, Beatriz Helena. KOZEL, Salete. Paisagem Sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: religiosidade em arte cômica. Anais do IV Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, 2011.

FURLANETTO, Beatriz Helena. A paisagem na geografia cultural. Anais do IV Simpósio de Geografia da UNESPAR/Campus União da Vitória, 2011.

FURLANETTO, Beatriz Helena. O boi-de-mamão no litoral paranaense: que tradição é essa? Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. UNESPAR/Campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2011.

³ O bumba-meu-boi, para Meyer (1993), é considerado um folguedo popular. Folguedos são festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil. Mário de Andrade (1959) classifica o bumba-meu-boi como dança dramática brasileira, relacionando-o ao Reisado. Reisado é uma “encenação com canto e dança para comemorar o Dia de



Reis, em quase todas as regiões do Brasil” , conforme o Dicionário Grove (1994, p.775).

⁴ Conhecido anteriormente como boi-de-pau, boi-de-palha, boi-de-pano, boi-de-melão e finalmente boi-de-mamão, essa designação foi atribuída porque nas representações do folgado eram utilizados mamões verdes para a confecção da cabeça do boi, de acordo com Melo (1949), Cascudo (1954) e Soares (1978).

⁵ “Miolo” significa a pessoa que fica dentro da armação do boi.

⁶ A particularidade da disputa entre os grupos de boi teve início no município de Parintins (AM), em 1966, e tem sido reproduzida em menor escala em outras cidades brasileiras, como Nova Olinda do Norte (AM), Guajará-Mirim (RO) e em Porto Velho (RO).

⁷Guajará-Mirim situa-se na porção norte ocidental do estado de Rondônia, onde estabelece fronteira internacional com a Bolívia. O município foi formado por imigrantes provenientes da própria Amazônia, outros do Nordeste, e estrangeiros como os sírio-libaneses, os gregos e os bolivianos, além dos grupos indígenas que desde sempre habitaram as suas terras. Portanto, Guajará-Mirim é um encontro de culturas muito significativo, embora sua posição limdeira não dê visibilidade ao fenômeno, em escalas outras que não a local.

⁸ Em Mato Grosso, as lendas e danças reverenciam o boi que é denominado de Boi-à-Serra, variante do bumba-meu-boi do Maranhão, uma ficção pastoril em forma de teatro originário das festas de Natal, Reis e Carnaval. O Boi-à-Serra foi muito difundido em Mato Grosso, onde a atividade econômica predominante eram os engenhos de açúcar. Enquanto dançavam, as pessoas cantavam uma toada que conta toda a trajetória de vida e morte de um boi que é capturado por destemidos vaqueiros. Atualmente, a dança está muito modificada, ou inserida num outro folgado popular, o Siriri. O Boi-à-Serra é um folgado do carnaval mato-grossense. Durante os festejos do carnaval, as pessoas brincavam ou ainda brincam, em alguns lugares, o Siriri, o Entrudo, o Boi-à-Serra e também o Cururu, que é uma manifestação quase sempre ligada à religiosidade do povo.

⁹ De acordo com os dados da Faostat, órgão das Nações Unidas, em 2010 o Brasil foi apontado como o maior produtor de laranja do mundo, o terceiro maior de tangerina e o quarto maior produtor de limões e limas. A produção está distribuída em 28 estados e é muito concentrada em São Paulo (76%), Bahia (6%), Sergipe (4%) e Paraná (4%), conforme o IBGE. Arroz, banana, cana-de-açúcar, tangerina, feijão, mandioca, maracujá, milho e tomate fazem parte da produção agrícola de Antonina, segundo dados do Iparde (2010).

¹⁰ “Ao longo de toda a simbologia judaico-cristã, a pomba – que, com o Novo Testamento, acabará por representar o Espírito Santo – é, fundamentalmente, um símbolo de pureza, de simplicidade e, também, quando trás o ramo de oliveira



para Noé, na arca, de paz, harmonia, esperança, felicidade recuperada” (CHEVALIER, 2009, p.728).

¹¹ “O primeiro caráter do simbolismo das cores é a sua universalidade, não só geográfica mas também em todos os níveis do ser e do conhecimento, cosmológico, psicológico, místico, etc. As interpretações podem variar. O vermelho, por exemplo, recebeu diversas significações conforme as culturas. [...] A arte cristã acabou por atribuir, num processo paulatino e sem fazer disso regra absoluta, o branco ao Pai, o azul ao Filho, o vermelho ao Espírito Santo; o verde à esperança, o branco à fé, o vermelho ao amor e à caridade, o preto à penitência, o branco à castidade”, segundo Chevalier (2009, p.275-277).

¹² Sagrado Coração de Jesus é uma devoção cultivada pela Igreja Católica ao longo de todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, que consiste na veneração do Coração de Jesus, do mais íntimo de Seu Amor. Entre as cores litúrgicas na Igreja Católica Apostólica Romana, o vermelho lembra o fogo do Espírito Santo e também o sangue, sendo a cor dos mártires e da sexta-feira da Paixão.

¹³ Congregação Mariana é uma associação pública de leigos católicos, formada por cristãos que procuram seguir melhor o Cristianismo através de uma vida consagrada à Mãe de Deus, a Virgem Maria. As Congregações Marianas tiveram início em 1563, em Roma, e se espalharam pelo mundo. Os Congregados Marianos do Brasil podem ser reconhecidos nas reuniões ou celebrações da igreja pela fita que pende do pescoço da cor azul (cor litúrgica da Virgem Maria), em cuja extremidade está uma medalha prateada com a imagem do Nosso Senhor Jesus Cristo de um lado e, do outro, a da Virgem Maria.

¹⁴ O sujeito em questão é um “*sujeito coletivo*: é uma sociedade, dotada de uma história e de um meio”, esclarece Berque (1998, p.86).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda . Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. p.47-74. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (orgs.) *Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida*. Goiânia: Ed. Vieira, 2008.

ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1º vol., 1959.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. 5. reimp. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato;



ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. p. 84-91. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CANCLINI, Néstor, García. *Culturas híbridas*. 4.ed., 5.reimp. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

_____. De que lado estás? Metáforas de la frontera de México-Estados Unidos. In: GRIMSON (org.). Buenos Aires : Ediciones Ciclus, 2000. p. 139-151

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Introdução à geografia cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. p. 92-123. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA. Edição concisa. Editado por Stanley Sadie. Trad. Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2. ed. São Paulo : Editora da UNESP, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed., 1.reimp. Rio de Janeiro : DP&A, 2011.

MELO, Osvaldo Ferreira. *O boi de mamão no folclore catarinense*. Santa Catarina: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993.

SACK, Robert David. *Human territoriality: Its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

SOARES, Doralécio. *Boi-de-mamão catarinense*. Cadernos de folclore n.27. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978.